

Meu Inimigo, o Mosquito

Eu estava entrando naquele mágico-encantado território entre a vigília e o sono, com o corpo já meio entorpecido e a mente começando a ser transportada para o fantasioso mundo dos sonhos quando... um perturbador zumbido, tão irritante quanto uma britadeira, penetrou pelos meus ouvidos e interrompeu, num segundo, todo o devaneio. Um mosquito! Reajo na hora e - plaft! - lá vai o tapa, à maneira de um mortífero míssil, tentando acabar com o invasor num contra-ataque fulminante. Mas o inimigo é astuto, ligeiro, e já se escapuliu, fazendo com que a palma da mão, afinal, explodisse em meu próprio rosto.

Meio entontecido, tentei acender a luz do abajur e descobri que as hostilidades haviam se iniciado em condições totalmente desfavoráveis para meu lado. Pois constatei estar imerso num atemorizante *black-out*. Isto é, a luz tinha ido embora.

A anterior sensação de paz dava lugar agora à inquietude, enquanto pairava no ar o zunido belicoso de uma esquadrilha de *culex pipiens fatigans*, denominação que os nossos tão conhecidos pernilongos receberam na pia batismal científica.

Resolvo, então, sair em busca de luz - "luz, mais luz", já dizia Goethe - e, esbarrando aqui e ali, no meio da escuridão, chego até a cozinha, onde, após muito tatear, encontro fósforos e dois tocos de vela. Consigo mais uma metade de uma vela, num candelabro da sala e esta é toda a minha munição.

Retorno ao quarto, e a situação agora é tão desesperadora quanto a retirada de Dunquerque. Com a falta de energia elétrica, nem o ventilador, nem o *protector* - aquele bem inventado aparelhinho que se coloca nas tomadas para nos proteger dos terríveis *culex* - estão em funcionamento. Mesmo assim deito novamente e tento ler com a tênue luz de uma vela, mas os adversários não me dão trégua e, desafiadores, passam rente ao meu ouvido, em audazes vôos rasantes.

Fulmino dois inimigos em pleno ar e, covardemente, esmigalho mais dois que estão pousados na parede, formando pequenas manchas de sangue em sua superfície (na verdade o meu próprio sangue!).

Depois, exausto, acabo adormecendo (ou desmaiando) e, num sonho agitado, sou perseguido por aviões de caça e tonitruantes bombardeios. Em seguida, uma intensa luz abate-se sobre o meu rosto e vejo-me preso numa cadeira sendo interrogado por gigantescos mosquitos. Mas, na realidade concreta, era apenas a luz do abajur que retornara.

E, com o rosto e o braço apresentando mil escoriações - isto é, picadas - verifico que perdi a batalha para *elas*. Pois, de acordo com as leis

da natureza, quem nos ataca e nos pica é a fêmea do mosquito, que precisa de sangue para o amadurecimento dos ovos que põe.

Dessa forma, o meu sangue serviu para atender a uma imensa prole de mosquitinhos e mosquitinhas. E elas, por sua vez, devem ter perturbado o sono de muita gente por aí, em calorentas madrugadas. (1996)